

## A formação da identidade nacional a partir do quadrinho *A Independência Do Brasil (1972)*

Thaís da Silva Tenório<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta comunicação tem por objetivo identificar como a formação da identidade nacional brasileira aparece na história em quadrinho (HQ) *A independência do Brasil (1972)*, lançada pela primeira vez em uma edição pré-comemorativa do sesquicentenário da independência –1822-1972 – pela editora EBAL (Editora Brasil América). A obra narra marcos históricos anteriores à Independência e disserta a respeito de diversas revoltas que fizeram parte da trajetória da nação, dentre elas: A Insurreição Pernambucana, a Guerra dos Emboabas, a Guerra dos Mascates e a Inconfidência Mineira. A obra conta com quadrinização de Pedro Anísio e texto e capa elaborados por Eugênio Colonnese. Por ter sido lançada em um período no qual o país vivenciava uma ditadura civil militar, a publicação em especial é carregada de patriotismo elitista. Tomamos por base as ideias teórico-metodológicas de Benedict Anderson (1991) sobre o nascimento de nação e do nacionalismo. Este autor apresenta os elementos que contribuem para a formação de uma nação, a partir do conceito de Comunidade Imaginada: ideia de união por meio do ensino escolar e da língua. É possível entender, a partir disso, como ocorre a disseminação da ideia de nação, pois o nosso objeto de análise após a sua elaboração e lançamento, é levado para dentro das escolas públicas para auxiliar nas aulas de História. Sendo assim, os resultados obtidos até o momento levam a concluir que a HQ foi um recurso de grande importância para o fortalecimento da ideia de nação e identidade.

**Palavras-chave:** Disseminação. Histórias em Quadrinhos. Independência. Nação.

### The formation of the national identity according to the comic “*A Independência do Brasil*” (1972)

**Abstract:** This communication aim to identify how the national identity formation of Brazil appears in the comic book “*A independência do Brasil (1972)*”, launched for the first time in a pre-commemorative edition of the independence’s sesquicentenary –1822-1972 – by EBAL (Editora Brasil América). The work narrates historical marks before the independence and disserts about a variety of revolutions that are part of the nation’s trajectory, amog then: A Insurreição Pernambucana, a Guerra dos Emboabas, a Guerra dos Mascates and the Inconfidência Mineira. The work counts with the comic books by Pedro Anísio and text and cover by Eugênio Colonnese. Because it was launched in a period which the country lived a military civil dictatorship, this publication in special is full of an elitist patriotism. We take as basis the theoretical-methodological ideas of Benedict Anderson (1991) about the nation birth and nationalism. This author presents elements that contribute to the formation of nation, following the concept of Imagined Community: idea of unity by school education and language. It is possible to understand, from this, how the dissemination of the idea of nation occurs, because our objective of analysis after its elaboration ad launch is taken into the public school in order to auxiliante History lessons. Therefore, the results obtained until now

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

lead to the conclusion that the comic was a high important resource to the strengthening of the idea of nation and identity.

**Keywords:** Dissemination. Comic Book. Independence. Nation.

Artigo recebido em 14/11/2017 e aceito em 20/12/2017

Ao se tornar uma nação independente em 1822, a população brasileira ainda não tinha despertado para o sentimento patriota, de amor à nação. Não havia ainda uma identidade para o país. Essa falta de corpo cultural da nação aos poucos foi ganhando a preocupação do Estado, pois a construção de uma identidade estabeleceria uma representatividade sólida nas relações exteriores e enfim desvincularia o país da imagem de colônia de Portugal.

Começou-se então um grande movimento para buscar o que viria a ser a identidade brasileira. Entretanto, foi somente em meados do século 20 que tal iniciativa ganhou força. No Governo de Getúlio Vargas, a construção da identidade brasileira tratava-se não apenas de um processo cultural, como também político. Os meios de comunicação foram então voltados para disseminar o que viria a ser a cultura do brasileiro. No rádio, uma das principais ferramentas da época, era comum ouvir a respeito da culinária, do futebol, da música, da literatura, etc.

Além do rádio, a literatura foi nesse momento de fundamental importância para a disseminação de tais ideias. Era importante ensinar os brasileiros o que eles deveriam ser, ou eram, mas era ainda mais eficaz formar aqueles que ainda estavam nos seus anos iniciais. Moldando assim toda uma ideia de origem da nação, de História e de cultura.

Para compreender tanto sobre a formação da nação brasileira, como também sobre as influências que esta recebeu, é necessário entender a relação entre espaço e identidade nacional. De acordo com Renato Amado Peixoto<sup>II</sup>, antes de se formar um espaço físico concreto, existe a formação de um espaço imaginário. Este por si produz uma linguagem através das múltiplas experiências de outras linguagens existentes. A partir disto, é possível pensar tais pressupostos que possibilitaram as condições de composição da gramática e da sintaxe dessas linguagens. Assim, pensar um espaço nacional implica em investigar a construção humana que só existe quando parte de um determinado campo de forças, no qual a energia geradora é o falante e a linguagem seu gerador.

Esse espaço pode ser entendido a partir do historiador Raimundo Arrais<sup>III</sup> ao nos dizer que o espaço não é apenas uma matéria inerente, pelo contrário, ele faz parte da construção de relações sociais, incorporando significados que lhe são atribuídos por determinadas representações, revestindo-se de simbologias e contribuindo para a construção de certas identidades. Para o autor, o ele é tido como uma marca e expressão das relações sociais. Partindo disso, é possível compreender como tais produtos culturais foram importantes para gerar esse espaço nacional indenitário.

Dentre os veículos culturais que foram utilizados para a disseminação e construção dessa identidade, estão as Histórias em Quadrinhos (HQs). Que apesar de toda a resistência que encontraram ao longo do tempo por parte principalmente dos pedagogos, já haviam vencido o preconceito dos educadores e psicólogos e passaram a ser utilizadas não apenas para divertimento, mas também como suporte pedagógico nas escolas. Para Angela Rama e Waldomiro Vergueiro<sup>IV</sup>, a utilização das Histórias em Quadrinhos para fins educativos já era amplamente comum em países como a China. Nos anos 1950 o governo de Mao TseTung já

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

utilizava as HQs para campanhas educativas, visando divulgar modos da vida exemplar que os chineses deveriam ter.

Assim, o Estado, ao perceber o poder de disseminação de ideias que os quadrinhos possuíam, iniciou um movimento de incentivo à produção de obras que tivessem como tema a História do Brasil. Dentre as editoras que participaram dessa ação, a que mais se destacou foi a Editora Brasil-América<sup>V</sup> (EBAL) que produziu a primeira obra quadrinística que buscou retratar os principais episódios históricos do Brasil<sup>VI</sup>. O sucesso e pioneirismo de *História do Brasil em Quadrinhos (1959-1961)* se deu pelo fato de que a EBAL procurou unir a Nona Arte<sup>VII</sup> ao conhecimento e procedimentos acadêmicos, somado a um grupo de profissionais das mais variadas áreas, desde desenhistas, historiadores, etc.

Além da equipe que deu forma ao projeto – o desenhista Ivan Wasth Rodrigues, os historiadores Gustavo Barroso, Manoel Maurício de Albuquerque e José Hermógenes de Andrade, dentre outros – as obras também contaram com a influência de diversos autores na composição de seus conteúdos. O objetivo era mostrar a formação da sociedade brasileira, desde seu nascimento até os principais fatos que marcaram sua trajetória. Para isso, os criadores fizeram uso da historiografia, geopolítica e cartografia. Assim, com sucesso, a EBAL já anunciava o lançamento de outras obras, dentre elas estava a HQ *Independência do Brasil em quadrinhos (1972)*.

Nesse sentido, o presente artigo se propõe a analisar de que maneira a formação da identidade nacional é colocada no quadrinho *Independência do Brasil em quadrinhos (1972)*. Para realizar tal objetivo, utilizaremos a Análise Dialética das Histórias em Quadrinhos, que segundo Nildo Viana<sup>VIII</sup>. O autor se apoia no método dialético desenvolvido por Marx. A partir dele, obedeceremos aos seguintes procedimentos analíticos: 1) leitura inicial, 2) constituição de um corpus para análise, 3) Análise do universo ficcional, 4) análise narrativa, análise ideográfica e análise pictórica; 5) análise dos elementos extra ficcionais.

### **Compreendendo o método de Análise Dialética dos Quadrinhos**

Compondo as produções da Indústria Cultural/Cultura de Massa, as Histórias em Quadrinhos (HQ's) são em sua grande maioria uma expressão do imaginário de uma época. Podendo assim servir como resposta a desejos e expectativas coletivas ou como modelos ideológicos e comportamentais. Sua importância se dá pelo fato de que toda expressão artística traz um reflexo do momento histórico em que atua. É no mínimo, incorreto, para não dizer ingênuo, pensar que toda obra em quadrinhos é voltada essencialmente ao público infantil ou que seria uma literatura inferior a outras formas narrativas.

Partindo então do pressuposto de que tanto narrativas textuais quanto imagens podem servir como um passo na identificação de visões de mundo, de interesses de um ou outro grupo que controla diversas formas de poder em sociedade, não é absurdo pensar então nas HQs como um potente e eficaz meio de disseminação de ideias, crenças e modelos, sobretudo em momentos de intensa crise política e/ou econômica.

As últimas décadas do século XX manifestaram uma revolução no campo da historiografia, com a inclusão de novas ferramentas conceituais e metodológicas de outras áreas do conhecimento, como a linguística; a crítica literária; a comunicação; a sociologia; a antropologia; a ciência política e a psicanálise, que ampliaram o campo de trabalho do historiador, surgindo novos temas e objetos.

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

Segundo a autora Valéria Fernandes da Silva<sup>IX</sup>, existe um repertório imenso de opções no que diz respeito a metodologia de análise dos Quadrinhos. Isso se deve ao fato das HQs serem um gênero intermediático, que dialoga com diversos gêneros discursivos.

Propor a análise dos quadrinhos como fonte vai muito além do que aplicar conceitos e teorias acerca do assunto, se caracteriza em um esforço para pontuar neles traços representativos do mundo social a que fazem referência. Faz-se necessário levar em consideração que essas obras são práticas que se valem de representações construídas e disseminadas na sociedade.

A maior barreira que se coloca entre o historiador e os quadrinhos não está exatamente na abordagem que ele deve utilizar, e sim na compreensão dos códigos próprios que esse tipo de literatura possui. No entender de Peter Burke, contar a história através das imagens é impossível sem a utilização de formas visuais. Entretanto, o que geralmente ocorre em trabalhos que se valem de imagens, é o uso das mesmas apenas como mera ilustração:

Imagens nos permitem imaginar o passado de forma mais vivida [...]. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas<sup>X</sup>.

O francês Thierry Groensteen<sup>XI</sup>, teórico e pesquisador dos quadrinhos, complementa Burke, quando nos diz que ao ler imagens, devemos aprender a compreender suas ligações, entender as qualidades próprias de um desenho. Caso contrário, a ignorância neste domínio nos levará a repetir o erro que é introduzir imagens sem analisá-las, configurando no que ele irá chamar de *d'aniconète*, um neologismo para designar os alfabetos visuais, aqueles que não sabem ler ícones.

Logo, o estilo de análise aqui proposto recebe influência de outras duas modalidades: a Análise Semiológica – formal e descritiva – e a Análise Circular – que se propõe a identificar estruturas semelhantes entre si, tendo certa carência de rigor analítico e pouco foco nas especificidades das HQs.

Não iremos nos aprofundar nas especificidades de cada uma. Basta dizer que apesar de sua eficiência, ambas permitem um trabalho descritivo, que não contempla todos os elementos presentes. Exatamente por englobar elementos de ambas, a análise dialética as supera em seu efeito final, pois permite um resultado de maior profundidade e rigor analítico. Conseguindo abarcar as especificidades das histórias em quadrinhos.

A utilização do método dialético aponta inicialmente para três aspectos: totalidade, historicidade e especificidade, que falando mais claramente, consistem nos passos apresentados anteriormente. Inicialmente, foi feita uma leitura inicial da fonte e a delimitação do corpus para análise. No presente trabalho, o *corpus* consiste nos momentos aos quais a HQ *Independência do Brasil (1972)* apresenta elementos que incitam um sentimento de identidade e nacionalidade, denunciando como ocorre a formação de uma identidade nacional. Após a delimitação desse corpus, para uma melhor explanação antes de realizarmos uma análise da narrativa, realizaremos uma análise dos elementos extra ficcionais, ou seja, daremos uma breve compreensão do contexto social, histórico e cultural e como se deu o processo de produção da fonte.

Feito isto, partiremos então para uma breve análise do universo ficcional juntamente com a narrativa, pois por se tratar de um quadrinho, que para todos os efeitos transmite uma narrativa verídica, não há exatamente uma ficção a ser analisada. Após a análise narrativa, partiremos para a ideográfica e pictórica. Nas quais primeiramente serão focalizados os recursos simbólicos empregados e seus possíveis significados e em seguida daremos espaço

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

às imagens, verificando a forma dos produtores de retratar os personagens, analisando seu significado e o que simbolizam, quais ideias estão incutidas.

### **Os Quadrinhos Históricos nos anos de Chumbo**

Nos anos de 1960 e 1970 houve uma produção significativa das Histórias em Quadrinhos que se propunham a narrar momentos históricos de forma didática, destinando-se à formação dos jovens. Segundo Antônio Aristides Corrêa Dutra<sup>XII</sup>, as HQs históricas tornaram-se valiosas ferramentas de circulação de ideais nas mãos dos movimentos nacionalistas. Dutra nos informa que, no Brasil, o nacionalismo após o golpe de 64 usou os quadrinhos como ferramenta para fabricar principalmente nas crianças um sentimento patriótico. Dentre tais produções está *Grandes Figuras em Quadrinhos* (1957) – que tratava de uma biografia dos chamados "heróis" nacionais, dentre eles, Duque de Caxias e Getúlio Vargas – *História do Brasil em Quadrinhos*, e a HQ em análise, *A Independência do Brasil em Quadrinhos* (1972).

Publicadas pela EBAL, as quadrinizações eram em geral preto e branco e carentes de movimento e ritmo, que são característicos dos quadrinhos. Em termos técnicos, lhes faltavam *Linhas Cinéticas* - técnica utilizada para indicar movimento dos personagens ou objetivos contidos na ação - e *Expansão* - função usada por cartunistas para dar movimento à história, na qual as ações aparecem fragmentadas em vários requadros. Para Flávio Calazans<sup>XIII</sup> os quadrinhos eram descritivos e monótonos, careciam de ação e envolvimento emocional, abusavam de balões de texto e de recordatórios<sup>XIV</sup>.

Marco Tulio Vilela<sup>XV</sup> aponta que a preocupação em sintetizar a narrativa original era mais importante do que realmente adaptá-la de maneira que englobasse todos os signos referentes a uma HQ. Com uma produção carregada de informação histórica, os produtores buscavam passar um sentido de verdade historiográfica, por isso os desenhos eram rigorosamente impregnados de nacionalismo patriótico. Explica-se então o porquê da ausência de elementos básicos de uma HQ, como as onomatopeias e as metáforas visuais. Os personagens eram geralmente retratados de maneira dura, séria, com expressões estáticas e com pouco movimento. O rosto, com podemos perceber na HQ utilizada como fonte, apresentada na ilustração a seguir é feito um sombreamento e pouca expressividade, traços que garantem ao quadrinho um ar de seriedade, sendo desprovido de elementos que denotassem humor ou ficção, pois afetariam a autenticidade do discurso.

O discurso será entendido, de maneira geral, como um conjunto de dizeres e práticas que forjam os objetos sobre os quais falam. A sua abordagem consiste, a princípio, na explicitação e análise das manifestações discursivas, levando em consideração seus aspectos teóricos e práticos.

Segundo Bourdieu<sup>XVI</sup>, o discurso está comprometido ideologicamente com valores vigentes em um meio social, tornando-se o meio para legitimar uma determinada ideia, posição política ou ideológica. Caracterizado como um instrumento claro de dominação, o discurso carrega consigo um conjunto de ideias, pressuposições e práticas para serem inseridas num sistema social. A partir desse conceito, será possível a compreensão não somente dos discursos contidos nas Histórias em Quadrinhos analisadas, como também a formação destes. Em nossa análise além do discurso, tomaremos como norte o contexto social e espacial nos quais estes foram produzidos, bem como aqueles que os produziram e sua pretensão: A formação de uma identidade espacial brasileira.

Tomando o discurso como fato linguístico que se constitui em parte de uma força política, a partir de Bourdieu, podemos compreender as condições possíveis da emergência de

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

tais discursos, que são intimamente ligadas a estímulos exteriores, como determinantes históricos, políticos e sociais. Para o autor, o poder nos aponta quem o exerce, tornando visível o que estava nas entrelinhas, deixando claro quem exerce e enuncia o discurso. Para Bourdieu, entender o discurso nada mais é do que o enxergar contido num campo no qual ele é agente de uma luta pela sobreposição de sua visão de mundo, aspirando essa ser uma única verdade. Assim, os enunciados devem ser sempre remetidos ao contexto histórico, espaço, nos quais foram escritos.

Os discursos das Histórias em Quadrinhos, por sua vez são frequentemente entendidos como simplórios, inocente, destinado ao divertimento, fato este que não pode ser observado quando observamos as HQs históricas. Visto isso, concordamos com a análise do historiador Michel Vovelle<sup>XVII</sup>, na qual mostra que não existe um discurso insignificante, pois as mais simples criações vistas como divertimento para os jovens ou adultos, são carregadas de signos, interesses, disseminando um discurso oficial, inculcando valores culturais e sociais, adentrando o inconsciente.

Tratando-se de um produto cultural, as histórias em quadrinhos expressam símbolos, valores e sentidos da sociedade, podendo conter em suas narrativas, conjuntos de crenças, de ideologia ou pensamentos que estão presentes no imaginário popular. Para Iuri Andréas Reblin<sup>XVIII</sup>, nas diferentes representações visuais e narrativas dos diversos universos das HQs, existe a possibilidade de encontrar princípios éticos e morais, a vida em sociedade, a moda e os costumes (...). Isto acontece porque há uma representação e um retrato da realidade nas histórias contadas.

Na busca por veicular um discurso patriota e de exaltação da nação, o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) moveu esforços para enaltecer o nacionalismo a partir das festividades do Sesquicentenário da Independência, em 1972. Segundo Luís Adão da Fonseca<sup>XIX</sup>, buscando legitimar o discurso de memória e identidade, o Estado em parceria com instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), se empenhou em veicular uma narrativa conservadora sobre a Independência, exaltando valores do passado, elegendo os heróis da nação. No entender da historiadora Maria Isabel João<sup>XX</sup>, ao instituir uma data festiva para o nascimento de uma nação, deixa o campo da história para adentrar o campo da memória, onde é possível a construção de heróis e mitos. Assim, transforma-se o acontecimento de uma comunidade em algo emblemático, objeto de celebração coletiva. Essa construção de memória tem como finalidade a formação de um sentimento de identidade nacional.

É em meio a essas celebrações dos 150 anos da Independência, que a editora EBAL lança a o quadrinho *Independência do Brasil em quadrinhos* (1972).

### **Independência do Brasil em quadrinhos (1972)**

O quadrinho, lançado em 1972 pela editora EBAL – ano de aniversário de 150 anos da Independência do Brasil – escrito por Pedro Anísio e ilustrado por Eugênio Colonnese<sup>XXI</sup>. A obra possui 35 páginas, das quais somente a capa e a bandeira do país que aparece no final são coloridas.

Uma das características do enredo é que este apresenta um narrador oculto, ou seja, ele não está focado em descrever as coisas com detalhes, tendo apenas a missão de transmitir uma mensagem sem fazer juízo de valor. A narrativa apresentada conta a trajetória da nação até o momento de sua independência. Dando destaque para acontecimentos históricos que contribuíram para a libertação do Brasil de seu colonizador. Na HQ, estão presentes em ordem cronológica as revoltas como. A Insurreição Pernambucana (1645-1654), a Guerra dos

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

Emboabas (1707-1709), a Guerra dos Mascates (1710) e a Inconfidência Mineira (1789) que ajudam o leitor a formar em sua mente a trajetória percorrida rumo a “liberdade”. Buscando assim propagar um discurso de que desde os tempos coloniais existia um sentimento de unidade nacional e de amor pela pátria.

Além da exaltação de heróis nacionais, a narrativa constrói uma história dos “vitoriosos”, deixando de lado a luta da população comum que também participou ativamente de tais marcos revolucionários. Também percebemos ao realizar uma leitura cuidadosa a obra de Pedro Anísio, o quão evidente fica a ideia de que somente com ação de família real portuguesa é que o Brasil passa a caminhar para deixar o estado de colônia e se tornar uma nação.

Outro aspecto focalizado na HQ, que irá refletir o imaginário do período no qual foi produzido, é a nomeação de Dom Pedro I como herói nacional. O monarca é colocado durante toda a narrativa como sendo o principal provedor da separação política do Brasil e seu colonizador. Não obstante, a figura de Portugal como exemplo é presente, por vezes até exaltando-a como sendo grande exemplo de nação.



Capa da história em quadrinho *A Independência do Brasil em quadrinhos* (1970)

A capa da HQ, como dito anteriormente, é uma das únicas partes da produção que apresenta cores. Nela vemos Dom Pedro I ilustrado com uma expressão séria, severa, de um “herói” preocupado com sua nação. Quase sem nenhuma linha de expressão, o monarca é representado com traços europeus e sua roupa apresenta cores chamativas que muito lembram as que estão na bandeira do Brasil: o verde e o amarelo. A disposição do título na capa é algo que merece ser analisado. Veja que este é colocado de tal forma que o leitor ao olhar a capa

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

vê primeiro a figura de Dom Pedro I e depois o título da revista. Isto só denuncia o que estará por vir: a figura do jovem príncipe como o principal agente da Independência.



Figuras retiradas da página 03 da história em quadrinho *A Independência do Brasil em quadrinhos* (1970)

Na primeira ilustração apresentada acima – da esquerda para a direita – nos deparamos com a figura de Dom Pedro I, acompanhada de um breve texto sobre o significado que o 7 de setembro teria para os brasileiros. Aqui, podemos perceber dois elementos que se destacam. O primeiro é a figura de Dom Pedro I em primeiro plano, sendo colocado em texto como o principal herói da libertação do Brasil do domínio de Portugal. Antes de apresentar a narrativa, o espaço no qual ela se insere, o autor faz questão de colocar o príncipe em primeiro plano e abaixo dele uma legenda nada inocente. Como dito anteriormente, é característico desse tipo de produção a falta de dinamismo e movimento da imagem. Ele é representado estático, sério, como uma figura que deve ser admirada. O segundo é exatamente o ser brasileiro sendo transformado em algo maior, em uma raça que precisa se conscientizar urgentemente de sua condição para deixar de ser uma colônia e tornar-se de fato uma nação.

Já na segunda imagem, encontramos reunidas as três principais etnias que compõem a miscigenação da população brasileira, sendo elas o negro, o índio e o branco. Partindo para a análise pictórica, podemos perceber que primeiramente estes personagens são dispostos na imagem de maneira distinta. Estes são mostrados em primeiro plano, um recurso adotado pelo desenhista para registrar as emoções do rosto – os três têm expressão séria, severa, denotando preocupação. Portanto, concentra-se na visão da cabeça e ombros do personagem. Ao índio é reservada a área do canto esquerdo do quadro, tendo este certo destaque. Já ao negro, este

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

fica no meio, entre o índio e o homem branco. Sua caricatura é menor dentre aos três, localizando-se no plano de fundo da imagem.

O homem branco, por sua vez, é representado de forma que este se dispõe no requadro do lado direito. Algo em comum entre eles é que Pedro Anísio fez questão de representa-los de forma que seus traços da face dessem a entender um olhar angustiado. Neste ponto, o texto disposto no recordatório nos dá a razão: os protagonistas da cena deveriam se unir para defender sua pátria dos invasores.

Aqui não existem mais diferenças entre eles, todos se tornam um só. A homogeneidade do povo brasileiro, em defesa do território. Neste momento, assim como em outros que se seguiram na HQ, percebemos a ideia de povo e de nação sendo ligeiramente apresentada ao leitor. Este é o povo brasileiro, miscigenado e apaixonado por sua terra, que ameaçada, exige a luta e a coragem daqueles que a ocupam.

Segundo Roberto Damatta<sup>XXII</sup>, cada sociedade se utiliza de um número limitado de coisas para construir-se como algo único. A identidade brasileira se formou a partir de momentos históricos e culturais que permitiram se pensar o que é ser brasileiro. A miscigenação entre os índios, negros e portugueses, o país ter sido redescoberto por Portugal e não pela Espanha, e o fato do primeiro imperador do Brasil ser príncipe em Portugal e a república ter sido proclamada um ano depois da abolição da escravatura. Todos esses eventos contribuíram para a formação da identidade do brasileiro.

Outro aspecto focado na HQ, que irá refletir o imaginário do período no qual foi produzida, é a nomeação de Dom Pedro I como herói nacional. O monarca é colocado durante toda a narrativa como sendo o principal provedor da separação política do Brasil e seu colonizador. Não obstante, a figura de Portugal como exemplo é presente, por vezes até exaltando-a como sendo grande exemplo de nação. Tal fato fica evidente no requadro abaixo, quando se está em discussão a elaboração de uma constituição para o Brasil e Dom Pedro I sugere que esta deve ser boa como a vigente em Portugal.



Figuras retiradas da página 03 da história em quadrinho *A Independência do Brasil em quadrinhos (1970)*



**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

Como foi dito, uma das principais preocupações do Estado era justamente a questão da identidade da nação. Fazer brotar no coração dos brasileiros o sentimento de nacionalismo, caracterizado, sólido, formado. Para isto, o processo pode ser entendido em dois momentos. O primeiro compreenderia na formação de uma ideia de nação, e o segundo na disseminação desta. Aqui nos deteremos somente na primeira etapa, na qual amparados por Benedict Anderson, compreenderemos uma parte desse processo.

Para o autor, um dos principais elementos que contribuem para a formação de uma comunidade é a língua. Anderson afirma que a população leitora, através da língua impressa forma o que ele chama de *embrião* da comunidade imaginada. É através do capitalismo tipográfico que a língua aos poucos é absolvida pela população e posteriormente, construindo uma imagem sólida de antiguidade, essencial para uma nação. Nas palavras do autor, “o capitalismo tipográfico conferiu uma nova fixidez à língua”<sup>XXV</sup>, tornando a comunidade unificada.

Visto isto, a partir dessa abordagem, podemos compreender a importância que as Histórias em Quadrinhos impressas têm no Brasil no século XX. Sendo elas elementos da imprensa que utilizam da língua e de formas imagéticas para não só veicularem uma verdade sobre uma nação, como também propagar a língua e os símbolos nacionais em seu conteúdo.

### **Considerações parciais**

Ao analisar a produção brasileira de HQs, podemos perceber que é no período militar que se estabelece um mercado voltado para narrativas que tinham por intenção exaltar a cultura nacional, com o objetivo de representar uma identidade. Esse processo tem seu início em meados do século XX, e ganhando força a partir dos anos 50, tendo como principal produtora a editora EBAL.

É então nesse contexto de uma busca por estabelecer e concretizar a identidade de uma nação, como também a necessidade de se estabelecer uma narrativa como verdade, que se insere a fonte aqui explanada. Devido a sua amplitude não nos dedicamos a analisar todos os aspectos presentes. Por optarmos pela análise dialética, delimitamos um corpus pequeno para que pudéssemos explorá-lo melhor. Nesta análise focamos em alguns elementos presentes na História em Quadrinho que auxiliaram a formação de uma identidade nacional.

Esta, por sua vez, trazia consigo a representação de um povo, veiculando a narrativa da Independência da recente nação. Ao analisar o discurso por ela imbuído identificamos as ideias de homogeneização do povo, o discurso de raça e amor pela pátria. São colocados lado a lado os que seriam os três pilares da civilização brasileira: o índio, o negro e o branco. Ao fazer isso, ignora-se totalmente o fato de que não existe apenas uma cultura indígena, e sim centenas, que são diferentes entre si. Como também é ignorado o fato de que os índios e os negros foram vítimas de violência, como a escravidão. Este aspecto do discurso é compreensível quando analisamos o contexto histórico do qual a produção fez parte. Proferido num momento no qual o país era governado por militares, a HQ serviu de um meio para a propaganda da nação: o sentimento de brasilidade deveria estar presente na população, a ideia da união de todos em prol de uma causa maior, ignorando as diferenças, é recorrente nesse período.

Além disso, oras sutilmente, oras explicitamente, a mensagem de que o Brasil teria se tornado uma nação independente pelas mãos de um herói que não era brasileiro, e sim português. Percebemos nesse aspecto em especial que apesar de existir um desejo de liberdade e autonomia, os laços embrionários com o colonizador não estão definitivamente cortados. Visto que, além disso, a HQ é perpassada por um discurso no qual se tem Portugal

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

como exemplo do que deveria ser uma nação. Este traço fica evidente quando analisamos o quadro no qual se tem a intenção de criar uma constituição tão boa quanto a do colonizador.

A partir desta análise podemos compreender como a identidade nacional foi e continua sendo uma ferramenta de suma importância para o Estado. Ao entender o contexto histórico, social e político no qual a fonte analisada se insere fica claro como a disseminação da identidade nacional é priorizada e efetuada. Para ter uma nação coesa, deve-se veicular uma narrativa sobre a mesma, tal narrativa deve obedecer a padrões aceitos pelo Estado, padrões de verdade. Tais verdades deverão circular dentre os leitores, estabelecendo assim uma identidade formada e disseminada. Esta por sua vez, servindo de propaganda não só no meio nacional como também no âmbito das relações exteriores, no qual o Brasil buscava ter um perfil sólido de uma nação tradicional.

---

<sup>I</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFRN). Integrante do grupo de estudos Teoria da História, Historiografia e História dos Espaços e orientada pelo Prof. Dr. Renato Amado Peixoto. E-mail: [namastethais@gmail.com](mailto:namastethais@gmail.com)

<sup>II</sup> PEIXOTO, Renato Amado. **Cartografias Imaginárias**: estudos sobre a construção do espaço nacional brasileiro e a relação História & Espaço. Natal: EDUFRN, 2011.

<sup>III</sup> ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho**: A formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004

<sup>IV</sup> RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

<sup>V</sup> A EBAL – Editora Brasil América, foi uma das mais importantes editoras de histórias em quadrinhos do Brasil, sendo fundada em 1945 por Adolfo Aizen. Além de trazer para o Brasil diversas publicações estrangeiras, como Walt Disney, DC Comics e Marvel, a editora valorizava e incentivava os artistas brasileiros, publicando uma série de revistas nacionais, tais como: *Série Sagrada*, a *Edição Maravilhosa*, que posteriormente é renomeada e passa a se chamar *Clássicos Ilustrados*, que publicava versões quadrinizadas de obras de escritores nacionais. Como também a publicação de adaptações de fatos históricos

<sup>VI</sup> PEIXOTO, Renato Amado. **O modelo e o retrato**: Jaime Cortesão, a ‘História da Formação Territorial do Brasil’ e sua articulação com a ‘História da Cartografia brasileira’. *História e Historiografia*, n.19, p. 184-209, 2015.

<sup>VII</sup> Ricciotto Canudo, crítico italiano de cinema organizou as artes vigentes na seguinte ordem: 1ª Arte – Música (som) 2ª Arte – Dança/Coreografia (movimento) 3ª Arte – Pintura (cor) 4ª Arte – Escultura (volume) 5ª Arte – Teatro (representação) 6ª Arte – Literatura (palavra) 7ª Arte – Cinema (integra os elementos das artes anteriores). A partir de então, com o surgimento da fotografia, dos quadrinhos, games e novos formatos de arte digital, deu-se continuidade a classificação das artes e surgiram as seguintes: 8ª Arte – Fotografia (imagem) 9ª Arte – Quadrinhos (cor, palavra, imagem) 10ª Arte – Jogos de Computador e de Vídeo, e 11ª Arte – Arte digital (integra artes gráficas computadorizadas 2D, 3D e programação). de pedagogização escolar. Isso se devia a enorme divulgação dos quadrinhos na época, dentre várias editoras, principalmente pela Editora Brasil-América (EBAL).

<sup>VIII</sup> VIANA, Nildo. **Histórias em Quadrinhos e métodos de análise**. Revista *Temporis [Ação]* Anápolis. V. 16, n. 02, p. 41-60 de 469, número especial., 2016

<sup>IX</sup> SILVA, Valéria Fernandes. **Quadrinhos e educação**: discutindo as possibilidades de uso didático e como fonte de trabalho para os historiadores. In: *Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-MG*, Juiz de Fora, julho de 2004

<sup>X</sup> BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: História e Imagem. Bauru: Edusc, 2004.

<sup>XI</sup> GROENSTEEN, Thierry. **História em Quadrinhos**: essa desconhecida arte popular. Col. Quiosque 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004

<sup>XII</sup> DUTRA, Antonio Aristides Correia. **Jornalismo em quadrinhos**: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

<sup>XIII</sup> CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **História em Quadrinhos na Escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>XIV</sup> Segundo Roberto Elísio dos Santos (2002), Recordatórios são painéis colocados no interior da vinheta. Inicialmente eles eram utilizados nas tirinhas diárias de jornais para lembrar o leitor do que havia sido

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

---

publicado no dia anterior. Com o passar do tempo ele foi resinificado, ganhando novas funções, sendo agora utilizado para indicar simultaneidade de acontecimentos em uma determinada narrativa, como também resumir a ação quadrinizada.

<sup>XV</sup> VILELA, M. T. **A utilização dos quadrinhos no ensino de história: avanços, desafios e limites.** 322 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

<sup>XVI</sup> BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas.** São Paulo: EDUSP, 1996.

<sup>XVII</sup> VOVELLE, M. **Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX.** Tradução: Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.

<sup>XVIII</sup> REBLIN, Iuri Andréas. **Os super-heróis e a jornada humana: uma incursão pela cultura e pela religião.** In: Nildo VIANA e Iuri Andréas REBLIN (Orgs). **Super-Heróis, cultura e sociedade: Aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos.** São Paulo: Ideias & Letras, 2011, p. 56.

<sup>XIX</sup> FONSECA, Luis Adão da. **A dupla dimensão das comemorações na época contemporânea.** In: Mimesis, Bauru, v.26, n.1, p.29-52, 2005.

<sup>XX</sup> JOÃO, Maria Isabel. **Memória e comemoração.** In: História Revista, 8 (1/2), p.57-88, jan/dez, 2003.

<sup>XXI</sup> Pedro Anísio foi um importante roteirista brasileiro, colaborando para a indústria desde o início da editora EBAL. Além de roteirista de HQs, Anísio também escrevia rádio novelas para a extinta Rádio Tupi e Rádio Nacional, que na época eram as maiores emissoras do país. Já Eugênio Colonnese, que nasceu na Itália, mas foi naturalizado brasileiro, conhecido por utilizar arquivos em tudo que desenhava, criando obras de que expressavam uma realidade magnífica.

<sup>XXII</sup> DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1986.

<sup>XXIII</sup> PEIXOTO, Renato Amado. **O modelo e o retrato: Jaime Cortesão, a ‘História da Formação Territorial do Brasil’ e sua articulação com a ‘História da Cartografia brasileira’.** História e Historiografia, n.19, p. 184-209, 2015.

<sup>XXIV</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ªed. Rio de Janeiro. DP&A 2006

<sup>XXV</sup> ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

### **Referências:**

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANÍSIO, Pedro. **Independência do Brasil em Quadrinhos.** Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, 1970.

ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas.** São Paulo: EDUSP, 1996.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem.** Bauru: Edusc, 2004.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **História em Quadrinhos na Escola.** São Paulo: Paulus, 2004.

COELHO S. Coelho. “Parabéns Mafalda”. **Conhecimento Prático Literatura.** São Paulo: Escala, vol.I, 55, p.16, 2014.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1986.

DUTRA, Antonio Aristides Correia. **Jornalismo em quadrinhos: a linguagem quadrinística como suporte para reportagens na obra de Joe Sacco e outros.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

FONSECA, Luis Adão da. **A dupla dimensão das comemorações na época contemporânea.** In: Mimesis, Bauru, v.26, n.1, p.29-52, 2005.

**A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL A PARTIR DO QUADRINHO  
A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL (1972)  
THAÍS DA SILVA TENÓRIO**

---

GROENSTEEN, Thierry. **História em Quadrinhos**: essa desconhecida arte popular. Col. Quiosque 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ªed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

JOÃO, Maria Isabel. **Memória e comemoração**. In: História Revista, 8 (1/2), p.57-88, jan/dez, 2003.

PEIXOTO, Renato Amado. **O modelo e o retrato**: Jaime Cortesão, a ‘História da Formação Territorial do Brasil’ e sua articulação com a ‘História da Cartografia brasileira’. História e Historiografia, n.19, p. 184-209, 2015.

\_\_\_\_\_. **Cartografias Imaginárias**: estudos sobre a construção do espaço nacional brasileiro e a relação História & Espaço. Natal: EDUFRN, 2011.

RAMA, A.;VERGUEIRO, W.(Orgs.).**Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

REBLIN, Iuri Andréas. **Os super-heróis e a jornada humana**: uma incursão pela cultura e pela religião.

SANTOS, R. E. **Leitura Semiológica dos quadrinhos**. Revista IMES Comunicação, São Caetano do Sul, v. II, n.4, p. 19-31, 2002.

SILVA, Valéria Fernandes. **Quadrinhos e educação**: discutindo as possibilidades de uso didático e como fonte de trabalho para os historiadores. In: Anais do XIV Encontro Regional de História da ANPUH-MG, Juiz de Fora, julho de 2004

VERGUEIRO, W. **Alienação e engajamento nos quadrinhos**: uma leitura possível da revista Chiclete com Banana in Revista Galáxia, n. 5, São Paulo: USP, 2003.

VIANA, Nildo. **Histórias em Quadrinhos e métodos de análise**. Revista Temporis [Ação] Anápolis. V. 16, n. 02, p. 41-60 de 469, número especial. 2016

VILELA, M. T. **A utilização dos quadrinhos no ensino de história**: avanços, desafios e limites. 322 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.

VOVELLE, M. **Imagens e imaginário na história**: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. Tradução: Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.